



Tendências da Pesquisa
Brasileira em
Ciência da Informação

DECOLONIZANDO A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: um olhar do periódico Knowledge Organization (2000-2020)

*DECOLONIZING THE KNOWLEDGE ORGANIZATION: a look at the
Knowledge Organization journal (2000-2020)*

Dirnéle Carneiro Garcez¹
Rodrigo de Sales²

Resumo: O enfrentamento de lógicas colonizadoras hegemônicas existentes que promovem a violência epistêmica e a injustiça social é um movimento que precisa ser consolidado no campo da Organização do Conhecimento. Para que a pluralidade de saberes seja debatida no âmbito da organização do saber, é preciso adotar uma postura decolonial, ou descolonizadora. Para isso, o objetivo deste estudo é investigar como e se a descolonização tem sido abordada nos estudos de organização do conhecimento internacionalmente. Nas publicações da revista Organização do Conhecimento, buscamos artigos que discutissem os processos de descolonização no contexto da organização do conhecimento, a fim de verificar como é possível construir caminhos em prol de uma organização descolonizada do conhecimento. O corpus de análise deste estudo foi constituído por seis artigos que explicitaram terminologicamente em seu conteúdo expressões relacionadas à descolonização e à descolonização. Foi possível observar que a descolonização, segundo as publicações da Organização do Conhecimento, vem ocupando espaço e sendo fruto de pesquisas que propõem os desafios de instrumentos e processos descolonizadores no campo profissional e epistemológico, apesar do uso explícito de termos como a descolonização, a decolonialidade ou a descolonização ainda serão reduzidas.

¹ Mestra em Ciência da Informação. Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação – PGCIN/UFSC. E-mail: dirnele.garcez@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3061-9352>.

² Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: rodrigo.sales.s@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8695-9807>.

³ O presente texto foi submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no ENANCIB XXI.

Palavras-Chave: Decolonialidade. Organização do Conhecimento. Publicação científica.

Abstract: *The confrontation of the existing hegemonic colonizing logics that promote epistemic violence and social injustice is a movement that needs to be consolidated in the field of Knowledge Organization. For the plurality of knowledge to be debated within the scope of the organization of knowledge, it is necessary to adopt a decolonial, or decolonizing, posture. For this, the aim of this study is to investigate how and if decolonization has been addressed in studies of knowledge organization internationally. In the publications of the Knowledge Organization magazine, we searched for articles that discuss the processes of decolonization in the context of the organization of knowledge, in order to verify how it is possible to build paths in favor of a decolonized organization of knowledge. The corpus of analysis of this study consisted of six articles that explained terminologically in their contents expressions related to decolonization and decolonization. It was possible to observe that decolonization, according to the publications of the Knowledge Organization, has been occupying space and being the result of research that proposes the challenges of decolonizing instruments and processes in the professional and epistemological field, despite the explicit use of terms such as decolonization, decoloniality or decolonization still be reduced.*

Keywords: Decoloniality. Knowledge Organization. Scientific publication.

1 INTRODUÇÃO

O enfrentamento de lógicas colonizadoras hegemônicas que potencialmente promovem violências epistêmicas e injustiças sociais precisa ser fortalecido no campo da organização do conhecimento. Culturas, credos, etnias, sexualidades, grupos populacionais, línguas e costumes geram conhecimentos, e quando conhecimentos não são representados formalmente em teorias, instrumentos e processos, são violentados. Para que a pluralidade dos conhecimentos seja colocada em debate no âmbito da organização do conhecimento, é necessário adotarmos uma postura decolonial, ou decolonizadora.

O objetivo do presente estudo é investigar como e se a decolonização vem sendo abordada nos estudos de organização do conhecimento em âmbito internacional. O universo desta pesquisa é composto pelas publicações do periódico o *Knowledge Organization* mantido pela *International Society for Knowledge Organization* (ISKO), este que é considerado o jornal de maior excelência em publicação científica da área (GUIMARÃES, 2015). Para tanto, buscamos artigos que discutem processos de decolonização no contexto da organização do conhecimento, de modo a verificar como é possível construir caminhos em prol de uma organização do conhecimento decolonizada, que respeite realidades diversas e enfrente a histórica colonização do conhecimento. Nesse sentido, discutimos também relações entre Ciência da Informação e Epistemologia e esboçamos uma busca por olhares epistemológicos decoloniais na organização do conhecimento.

2 DESENVOLVIMENTO EPISTEMOLOGIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A epistemologia advém do campo da filosofia, sendo esta última uma forma de questionar a realidade e fundamentar seu sentido. É por meio da filosofia que se torna possível estabelecer uma visão de mundo apta a construir a realidade de maneira determinada. A epistemologia possui suas raízes etimológicas oriundas do grego antigo onde episteme corresponde ao conhecimento ou ciência e logia/logos corresponde a teoria/entendimento, apresentando assim uma relação direta entre conhecimento e

teoria. Conhecida também como teoria do conhecimento, a epistemologia surgiu e se consolidou como disciplina filosófica entre os séculos XVII e XVIII, e tem como objetivo distinguir as crenças justificadas de opiniões (RENDÓN ROJAS, 2008; DUTRA, 2010; RABELLO, 2012).

Para Japiassu (1992, p. 16), a epistemologia é considerada um “estudo metódico e reflexivo do saber, de sua organização, de sua formação, de seu desenvolvimento, de seu funcionamento e de seus produtos intelectuais”. O autor apresenta três tipos de epistemologias, sendo elas: Epistemologia global, que se refere a uma forma de saber mais geral; a Epistemologia particular, que leva em consideração o campo próprio do saber; e a Epistemologia específica, que considera uma disciplina construída intelectualmente através de uma unidade de saber bem definida (JAPIASSU, 1992).

Além disso, o autor infere que existem mais variações para a epistemologia, a saber: a epistemologia interna e a epistemologia derivada. A epistemologia interna de uma dada ciência consiste em analisá-la criticamente por meio dos procedimentos de conhecimento que utiliza, visando definir os fundamentos dessa área de conhecimento na busca por uma teoria de fundamentação científica. A epistemologia derivada visa realizar uma análise da natureza dos procedimentos do conhecimento de uma determinada ciência, buscando saber como essa configuração de conhecimento é exequível, e de que forma determina o que se adéqua ao sujeito e ao objeto de conhecimento na caracterização dessa ciência (JAPIASSU, 1992).

A epistemologia institui uma crítica ao conhecimento científico e à ciência na busca pela compreensão de como adquirimos e assimilamos o conhecimento e as suas diferentes formas de saber, complementadas pela história das ciências e pela filosofia. Além disso, estabelece a metodologia a ser utilizada para seu fazer científico, para que assim seja validada e dada como verdadeira (ZANDONADE, 2000; RABELLO, 2012). Para González de Gómez (2001, p. 6), a epistemologia pode ser definida como um

[...] estudo das possibilidades, origem, natureza e extensão do conhecimento humano [que investiga através das] condições e possibilidades do conhecimento, enquanto o especificam como conhecimento legítimo ou verdadeiro, ou, no quadro conceitual ocidental, como conhecimento científico.

Assim, Rendón Rojas (2008) apresenta algumas características para que um conhecimento seja considerado científico, a saber: possuir um objeto específico de estudo; ter conhecimento verdadeiro e embasamento metodológico e; possuir um corpo teórico. De acordo com o autor, a ciência é um sistema de conhecimento que investiga parte da realidade e essa parte constitui seu objeto de estudo. Conhecimento é uma crença verdadeira e justificada, isto é, um estado do sujeito em que ele afirma ou nega algo sobre a realidade. Outra característica do conhecimento científico é que ele possui uma estrutura teórica definida que inclui conceitos, afirmações gerais e uma inter-relação entre eles.

A função epistemológica de uma ciência é a explicação e a compreensão científica da mesma, tendo como característica central do conhecimento científico a sua justificativa, que pode ser entendida como as razões pelas quais esse conhecimento é afirmado. Chalmers (1993) afirma que a ciência é tida como marco de confiabilidade na sociedade, onde a comprovação científica é usada para dar maior credibilidade a seus produtos e serviços. Para o autor, a ciência é objetiva e o conhecimento científico só é confiável porque pode ser comprovado objetivamente.

Inspirada pelo filósofo italiano Luciano Floridi, Solange Puntel Mostafa (2010), ao se referir à relação estabelecida entre a Ciência da Informação e a Epistemologia, afirma que tanto a Biblioteconomia quanto a Ciência da Informação atuam em um nível mais básico que a Epistemologia, pois aquelas, diferentemente desta última, têm como objeto de estudo as fontes de informação e não o conhecimento. Tabosa, Tavares e Nunes (2016, p. 290) alegam que o desenvolvimento epistemológico da Ciência da Informação que foi apresentado nas conferências do *Royal Society* e do *Georgia Institute of Technology*, no período pós-segunda-guerra, deu início ao que pode ser chamado de “privilegiamento epistemológico territorial”, que deu primazia à ciência e às concepções oriundas de regiões norte-americanas.

A busca pela construção de novos contextos paradigmáticos foi um dos motivos que impulsionou o aumento das pesquisas epistemológicas na Ciência da Informação e, de acordo com Francelin (2018, p. 91), o “amadurecimento científico, o desenvolvimento de programas e grupos de pesquisa, o apoio institucional e a maior participação da

comunidade nas esferas científicas, além do aprimoramento na produção científica”, também foram fatores que contribuíram para esse crescimento.

Dentre os principais autores responsáveis por desenvolver pesquisas que relacionam a Epistemologia e a Ciência da Informação, estão nomes como: Karl Raimund Popper, Jesse Shera, Yves-François Le Coadic, Thomas Samuel Kuhn, Alan F. Chalmers, Michel Foucault, Miguel Ángel Rendon-Rojas, Luiz Henrique de Araújo, Hilton Japiassu, Giulia Crippa, Gustavo Silva Saldanha, Lena Vania Ribeiro Pinheiro, Kátia de Carvalho, María Nélica González de Gómez, entre outros (FREIRE, 2008; KARPINSKI, 2018).

Nos últimos anos, tem-se evidenciado o desenvolvimento de epistemologias capazes de identificar, interrogar e problematizar a realidade social no campo da organização do conhecimento. José Augusto Guimarães (2015) destaca que a área tem se dedicado a recuperar sua essência epistemológica enquanto campo de pesquisa em prol da herança cultural da área destinada ao estudo e promoção de ferramentas e produtos.

Desta forma, a partir do entendimento de que existem diferentes facetas de um mesmo espaço epistemológico, este estudo entenderá a organização do conhecimento como um espaço investigativo autônomo (como apregoado pela *International Society for Knowledge Organization*) que pode ser observado de maneiras distintas, valendo-se de diferentes perspectivas epistemológicas para lidar com a compreensão e com o desenvolvimento da organização do conhecimento nos campos informacionais. Assim, o foco do presente estudo está na busca por olhares epistemológicos decolonizadores na organização do conhecimento.

3 BUSCA POR OLHARES EPISTEMOLÓGICOS DECOLONIZADORES NA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A construção do conhecimento possui bases em saberes que se pretendem universais (CASTRO-GÓMEZ; MENDIETA, 1998). Essa construção opera utilizando-se muitas vezes de violências epistêmicas, ou seja, realiza-se por meio de invisibilizações e exclusões de conhecimentos oriundos de outros grupos étnico-raciais e sociais que não pertencem ao grupo hegemônico que se encontra no poder. Entendemos que a violência epistêmica atua como uma operação de poder e pertence a uma violência objetiva, uma

violência já naturalizada que funciona como cenário para a colonialidade reiterar seu poder (até quando deseja negá-lo), fixando-se em corpos racializados e sexualizados, a partir da ação de sujeitos, palavras e coisas (ZAMUDIO, 2018).

Olson e Fox (2010) apresentam o conceito de *diáspora pós-colonial*, a partir da perspectiva de Gayatri Chakravorty Spivak, como sendo a dispersão de povos pelo mundo em decorrência do colonialismo e de suas consequências. Em contrapartida ao colonial, o projeto decolonial propõe promover um diálogo entre os povos que historicamente foram colonizados e aqueles que vivem a colonização. Enquanto projeto político-acadêmico, a decolonialidade busca reconhecer as diferentes perspectivas coloniais, bem como os enfrentamentos e reações de populações e sujeitos colocados em lugares de subordinação, em especial, pela colonialidade do poder e do saber (LANDER, 2005; QUIJANO, 2005, BERNARDINO-COSTA; GROSGOUEL, 2016).

A decolonização do conhecimento está presente em diversas abordagens que se colocam contra as perspectivas hegemônicas de produção do conhecimento. Quando nos voltamos para os saberes que se colocam como contracoloniais ou decoloniais, podemos pensar, por exemplo, nas perspectivas oriundas de mulheres, pessoas de origem latina, africana, indígena, ameríndia ou ribeirinha. Dentre os estudos que abarcam perspectivas decoloniais, Karina Ochoa Muñoz (2018, p. 118, tradução nossa) infere que nos Estudos Feministas Latino-americanos e Caribenhos, tal perspectiva

[...] tem gerado uma aproximação a outra forma de compreensão dos sistemas de opressão múltipla, da subordinação das mulheres e dos grupos subalternizados, incorporando as análises sobre a colonialidade do gênero, poder e violência epistêmica para explicar a forma como o patriarcado moderno surge e é correlativo a outros regimes de poder, como heterossexualidade, ideologia racista e exploração capitalista dentro do processo histórico (da conquista e colonização) da América.

Ainda no contexto latino-americano, Yuderkys Espinosa Miñoso (2020) irá advogar em prol de um feminismo decolonial que promova pensamentos críticos e contra hegemônicos nascentes no sul global, especificamente, de Abya Yala. Tal feminismo se volta para pensar não somente a subordinação, opressão e dominação impostas as mulheres ao longo da história pelo patriarcado universal, mas também compreender as

construções estruturais de poder entre homens e mulheres, e ainda, dentro do próprio feminismo, transpassado pelo eurocentrismo e por questões de poder, raça e classe.

Ainda no embate epistêmico dentro dos estudos feministas, o eurocentrismo presente no feminismo é confrontado quando Oyèrónké Oyěwùmí (2004) interroga a construção de gênero e seus conceitos oriundos da perspectiva da Europa, o qual consagra o gênero masculino como privilegiado dentro da cultura da modernidade. Em seu recente livro intitulado "A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero", Oyěwùmí (2021, p. 257) debate sobre o discurso ocidental ao inferir que esses assumem "que todas as sociedades percebem o corpo humano como generificado e, em seguida, organizam homens e mulheres como categorias sociais com base nessa premissa". Esses mesmos corpos generificados são percebidos somados a outras categorias, especialmente à categoria raça. Como forma de contraponto a esse discurso hegemônico, propõe referências africanas, especialmente da cultura Iorubá para discutir as categorias de gênero em diferentes culturas.

Enquanto isso, nos Estudos do Feminismo Negro, Patrícia Hill Collins (2019) retrata a decolonialidade ao promover o pensamento feminista negro como uma teoria crítica social que visibiliza o protagonismo intelectual e político de mulheres negras. Angela Davis (2016) contribui para esse enfoque ao relacionar gênero, classe e raça para explicitar o porquê de as mulheres negras estarem na base da pirâmide social-econômica-educacional e como a discriminação racial, a pobreza e a desigualdade constroem essa estrutura racista patriarcal que as coloca nesse lugar.

Dentro dos Estudos Culturais, há perspectivas decoloniais presentes no conhecimento produzido a partir *de* e *sobre* as populações africanas. Discussões teóricas como as relações de poder coloniais e a diáspora africana (HALL, 2013), bem como discussões que abordam perspectivas epistêmicas oriundas de povos que foram retirados dos espaços de intelectualidade, tais como a afrocentricidade (ASANTE, 2000; 2003), Marxismo Negro (ROBINSON, 1983), Interseccionalidade (CRENSHAW, 2002), Amefricanidade (GONZALEZ, 1988 a, b), Quilombismo (NASCIMENTO, 2002), Epistemicídio (CARNEIRO, 2005), Mulherisma Africana (DOVE, 1998), Pretagogia (PETIT, 2015) entre outras, também refletem essas contra narrativas decoloniais que vão de encontro ao pensamento colonial.

Para o presente estudo, entendemos as investigações decoloniais sob três pontos de abordagem, a saber: a) discussões sobre opressões, sub-representações e relações de poder e dominação contra populações colocadas à margem, tais como as populações africanas, ameríndias, mulheres, LGBTQIA+ etc.; b) discussões sobre produções de conhecimentos de populações geograficamente privilegiadas (norte global), mas que estão à margem das sociedades que pertencem, c) produções científicas que promovem uma reflexão crítica à colonialidade dentro das diversas áreas do conhecimento e propõem a decolonialidade como alternativa de enfrentamento.

Na organização do conhecimento, as epistemologias críticas contribuem para estabelecer perspectivas contra-hegemônicas de produção de conhecimentos, levando em consideração olhares de sujeitos e povos marginalizados na sua construção. Dentre as perspectivas críticas decoloniais, podemos destacar pesquisadores como García Gutiérrez, que apresenta a noção de desclassificação da organização do conhecimento como provocação à ideia de classificação (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2011). O autor entende que pensar com base na desclassificação é acolher, por exemplo, as contradições, admitir que a contradição abre um mundo de outras lógicas que operam fora da lógica convencional, ou seja, acolher e promover um pensamento pautado no pluralismo lógico (GARCÍA GUTIERREZ, 2020). Em sua compreensão, a desclassificação é uma “teoria que assume sua contradição de matriz para não acabar como qualquer teoria: com o tempo, essa contradição se torna evidente (GARCÍA GUTIERREZ, 2020, p. 59, tradução nossa).

A decolonialidade está presente no campo da organização do conhecimento não somente quando termos como “decolonial”, “decolonialidade” ou “descolonização” são usados, mas, também, quando se nota a presença de populações que confrontam o lugar epistêmico que grupos hegemônicos as colocam. Como exemplo, podemos citar o trabalho de Dorothy Porter Wesley (1990) sobre a organização do conhecimento negro, a partir de uma perspectiva contra-hegemônica e de enfrentamento ao racismo presente na Classificação Decimal de Dewey. Ainda nesta toada, Jonathan Furner (2007) advoga em prol da desracialização da Classificação Decimal de Dewey, haja vista, que os esquemas de classificação representam perspectivas ideológicas de quem os construiu, considerando o recorte temporal em que este construtor se encontra. Nesse sentido, as influências sobre a ideologia da supremacia racial e os discursos de dominação são

propagados também dentro dos esquemas de classificação, como é o caso da Classificação Decimal de Dewey (FURNER, 2007).

De igual maneira, o enfrentamento ao estigma ainda presente na organização do conhecimento quando se trata de classificar assuntos relacionados a deficiência dentro das classificações bibliográficas utilizadas por bibliotecas (ADLER; HUBER; NIX, 2017). Ademais, é possível verificar no estudo de Hope Olson (2001) a crítica aos sistemas de classificação apoiados em uma austeridade hierárquica que tem por base somente uma orientação cultural apoiada no binômio semelhança-diferença, na busca por uma universalidade da representação do conhecimento. Tal binaridade acaba por perpetuar sistemas de classificação que beneficiam a perspectiva hegemônica ao invés de se aliar à realidade social presente. Outro exemplo pode ser encontrado no trabalho de Maria Aparecida Moura (2018) sobre a construção do conceito de organização social do conhecimento, que discorre sobre os sistemas de organização do conhecimento como condutores de classificação social por gênero nos processos informacionais e de conhecimento.

Entendemos também como decoloniais, pesquisas como as de Márcio Ferreira da Silva (2018), que produziu sua tese sobre a representação das religiões de matriz africana na CDD, tecendo uma análise crítica sobre a representação da religião Umbanda nesse instrumento, e do professor Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda (2019), em que discute a organização do conhecimento e o pluralismo religioso nas religiões de matrizes africanas. Ademais, iniciativas de produções dentro do campo da organização do conhecimento que promovem o pensamento decolonial e as reflexões críticas são desenvolvidas por pesquisadores como Nancy Sánchez-Tarragó (2019), uma entusiasta no desenvolvimento de estudos decoloniais direcionados para as contribuições e desafios do bibliotecário latino-americano e a internacionalização solidária e sustentável, e, Gustavo Silva Saldanha, Franciele Carneiro Garces da Silva, Graziela dos Santos Lima, Dirnele Carneiro Garcez e Nathália Lima Romeiro (2019), relativo às ações do Observatório Organização Ordinária dos Saberes Socialmente Oprimidos (O²S²O), no qual vinculam-se pesquisas como a de Bianca Rihan Pinheiro Amorim (2017), sobre a decolonização do conhecimento através do movimento zapatista e suas dimensões documentalistas. No que concerne ao Perspectivismo Ameríndio, Vinícios Souza de Menezes (2019) apresenta reflexões

relacionadas à reciprocidade da perspectiva do pensamento ameríndio nos debates epistêmicos na Ciência da Informação.

Observamos, assim, que a perspectiva decolonial, a reflexão contra-hegemônica e a discussão sobre os lugares de opressão e invisibilidade estão presentes, mesmo que de forma incipiente, nas agendas de pesquisas atuais, contribuindo para uma perspectiva teórico-crítica-decolonizadora em nossa área de conhecimento. Por esta razão, e de forma mais específica, buscaremos no periódico Knowledge Organization a presença de estudos decolonizadores, de modo a identificar e compreender como e se a decolonização vem sendo abordada num dos principais fóruns internacionais da organização do conhecimento.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O universo bibliográfico que serviu como corpus de investigação deste estudo foram as publicações do periódico Knowledge Organization, considerada a “principal revista científica da área” pela International Society for Knowledge Organization (ISKO, 2021, s.p.). O recorte temporal definido foram os artigos publicados entre 2000 e 2020, correspondendo às publicações do volume 27 ao volume 47. Foram recuperadas inicialmente 594 publicações.

A identificação dos artigos que apresentam a perspectiva decolonial foi realizada primeiramente por meio do título e dos resumos dos artigos. Posteriormente, como complemento da identificação, foi realizada no conteúdo dos artigos uma busca automática pelas expressões “decol” e “descol”, de modo a verificar a ocorrência de palavras que poderiam nos levar aos assuntos decolonialidade e/ou descolonização.

A partir da leitura dos títulos e resumos, identificamos 43 publicações que potencialmente abordavam olhares epistemológicos decoloniais, sinalizando que a preocupação com a representatividade, com a marginalização e o silenciamento do conhecimento, com os discursos étnicos-raciais e de gênero e sexualidade, bem como de grupos oprimidos em geral, já vem marcando presença nas publicações do periódico desde o ano 2000. No entanto, ao realizarmos a busca pelas expressões específicas (“decol” e “descol”) no conteúdo dos artigos, somente seis publicações foram

recuperadas. Assim, o corpus de análise foi composto por seis artigos que explicitaram terminologicamente em seus conteúdos expressões ligadas à decolonialidade e descolonização.

A fim de organizar a análise dos seis artigos encontrados, as informações foram armazenadas e registradas em planilha eletrônica, contendo os seguintes dados: título do artigo, autoria, ano de publicação, resumo, volume, número, palavras-chaves, DOI e Link de acesso. Acessando integralmente aos artigos, foi possível verificar como suas autoras e seus autores abordam e discutem a questão da decolonização na organização do conhecimento. Posteriormente, relacionamos tais abordagens com aqueles três pontos característicos adaptados no item 3 do presente trabalho, a saber: a) discussões sobre opressões, sub-representações e relações de poder e dominação contra populações colocadas à margem, b) discussões sobre produções de conhecimentos de populações geograficamente privilegiadas, mas que estão à margem das sociedades que pertencem, c) produções científicas que promovem uma reflexão crítica à colonialidade dentro das diversas áreas do conhecimento e propõem a decolonialidade como alternativa de enfrentamento. Estes pontos serviram de base para a análise que se segue.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a análise dos artigos que adotaram explicitamente as expressões ligadas à decolonização, foi possível identificar as abordagens que se seguem. Como a questão da decolonização passa também por aspectos geográficos, optamos por destacar na análise os países das instituições em que as autorias dos artigos estão vinculadas.

1) Adler (2016) (EUA): Reparação histórica e representatividade de povos indígenas em sistemas universais de organização do conhecimento. Necessidade de representação de povos originários locais/regionais, inexistentes em sistemas universais hegemônicos que carecem de revisão histórica, como visto, por exemplo, na classificação da Biblioteca do Congresso.

2) Bak, Allard e Ferris (2019) (Canadá): Enfrentamento da colonização europeia existente na teoria e na prática da descrição de documentos arquivísticos no âmbito canadense. As marcas de uma prática originalmente colonial ainda são

preponderantes na descrição arquivística, assim, a própria descrição precisa ser descolonizada (a história colonial precisa deixar de ser a principal marca na descrição arquivística).

3) Balaji e Dhanamjaya (2020) (Índia): Problematização da classificação de estudos urbanos que hegemonicamente vêm de países do hemisfério norte. Propõe o desenvolvimento de modelos de classificação para estudos urbanos e teorias urbanas oriundos do hemisfério sul.

4) Littletree; Belarde-Lewis e Duarte (2020) (EUA): Discutindo sobre como o colonialismo moldou as práticas e profissões informáticas (da biblioteconomia à ciência de dados e organização do conhecimento), propõe repensar as diferenças ontológicas fundamentais entre os sistemas de conhecimento orientados para o ocidente e os modos indígenas de saber. Objetiva: a) decolonizar as mentalidades ocidentais que moldam as práticas de OC contemporâneas; b) ensinar profissionais com pouca ou nenhuma experiência no trabalho com nativos e povos indígenas e; c) dialogar com os fundamentos filosóficos do campo. Centra a discussão na ideia de “relacionalidade” como uma técnica de descolonização que permite que ontologias indígenas surjam em instituições que de outra forma seriam coloniais.

5) Broughton e Lomas (2020) (Inglaterra): Destacando como sistemas universalistas de organização do conhecimento ignoram coleções multidisciplinares, especialmente quando se tratam de multi-religiosidades e multiculturalidades, ignorando, assim, peculiaridades epistêmicas, propõe uma descolonização por meio de formas mais objetivas para lidar com diferentes credos, de modo a evitar acusações preconceituosas. Defende uma abordagem classificatória pluralista.

6) Tharani (2020) (Canadá): Chamando a atenção para a hegemonia da língua inglesa nos sistemas de organização do conhecimento, fato que promove exclusão, por exemplo, de populações não ocidentais, defende a ideia de construção de vocabulários controlados locais a serem inseridos nos sistemas que organizam o conhecimento, como forma de combater a marginalização do conhecimento e a injustiça social pela língua.

De partida, é possível constatar que todas as autorias das pesquisas publicadas no período e no periódico investigados são provenientes de instituições de países do hemisfério norte (EUA, Canadá, Inglaterra e Índia). Tal constatação indica que, no âmbito

internacional da *Knowledge Organization*, a questão da decolonização (com a adoção explícita do termo) vêm sendo desenvolvida apenas por pesquisadores do norte global. É no mínimo curioso notar que o embate contra as hegemonias colonizadoras vem sendo liderado, pelo menos no *Knowledge Organization Journal*, por pesquisadores oriundos de regiões de hegemonias científicas. Este dado se aproxima de um dos pontos aqui considerados como postura decolonial, a saber: ponto “b” – discussões sobre produções de conhecimentos de populações geograficamente privilegiadas, mas que estão à margem das sociedades que pertencem. Embora as autorias das publicações sejam do hemisfério norte, nota-se uma preocupação de decolonização ao problematizar a falta de: i) representatividade de povos originários; ii) representatividade de teorias do hemisfério sul; iii) representatividade de multiculturas e; iv) representatividade de línguas locais. Tais problematizações, por discutirem questões relativas à representatividade e às relações de dominação, aproximam-se também do ponto “a” – discussões sobre opressões, sub-representações e relações de poder e dominação contra populações colocadas à margem.

Tocante ao ponto “c” (produções científicas que promovem uma reflexão crítica à colonialidade dentro das diversas áreas do conhecimento e propõem a decolonialidade como alternativa de enfrentamento), é possível afirmar que todas as publicações analisadas propõem a decolonialidade como alternativa de enfrentamento, seja decolonizando processos como a descrição arquivística (BAK; ALLARD; FERRIS, 2019), seja decolonizando instrumentos como classificações (ADLER, 2016; BALAJI; DHANAMJAYA, 2020; BROUGHTON; LOMAS, 2020), ontologias (LITTLETREE; BELARDE-LEWIS; DUARTE, 2020) e vocabulários controlados (THARANI, 2020).

Em síntese, no âmbito da *Knowledge Organization Journal*, nos últimos anos, a decolonialidade vem sendo proposta nos seguintes aspectos: representatividade de povos originários em sistemas de organização do conhecimento; “deseuropeização” de descrições arquivísticas; modelo classificatório que represente também teorias do hemisfério sul; classificações multi-religiosas; ontologias indígenas e vocabulários controlados de línguas não dominantes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas duas últimas décadas, a decolonização, segundo as publicações da *Knowledge Organization*, vem gradativamente ocupando espaço em dezenas de artigos que discutem sobre a importância de enfrentar a colonização das teorias, instrumentos e processos próprios da organização do conhecimento, de modo a combater violências epistêmicas e injustiças sociais. No entanto, o uso explícito de termos como decolonização, decolonialidade ou descolonização ainda é bastante reduzido, e começa a surgir somente a partir de 2016.

A análise aqui realizada constatou que a decolonização na organização do conhecimento vem sendo fruto de pesquisas que se propõem aos desafios de decolonizar instrumentos e processos do campo profissional e epistemológico. A deseuropeização da descrição arquivística e a representatividade de povos, religiões e línguas marginalizadas em nossos sistemas de organização do conhecimento têm sido o caminho trilhado por nossos pesquisadores em busca de uma organização do conhecimento decolonizada.

REFERÊNCIAS

- ADLER, Melissa. The Case for Taxonomic Reparations. *Knowledge Organization*, v. 43, n. 8, p. 630-640, 2016. Disponível em: https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko_43_2016_8_f.pdf. Acesso em: 02 maio. 2021.
- ADLER, Melissa; HUBER, Jeffrey; NIX, Tyler. Stigmatizing Disability: Library Classifications and the Marking and Marginalization of Books about People with Disabilities. *Library Quarterly: Information, Community, Policy*, v. 87, n. 2, p. 117-135, 2017.
- AMORIM, Bianca Rihan Pinheiro. Modernidade alternativa no movimento zapatista de libertação nacional. *interfaces*, v. 26, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/29527>. Acesso em: 02 maio. 2021.
- ASANTE, Molefi K. Afrocentricity, race and reason. In: MARABLE, Manning. (org.). *Dispatches from the Ebony Towers: intellectuals confront the African American experience*. Nova York: Columbia University Press, 2000. p. 195-203.
- ASANTE, Molefi K. African American Studies: the future of the discipline. In: MAZAMA, Ama. (org.). *The Afrocentric paradigm*. Trenton: Africa World, 2003.
- BAK, Greg; ALLARD, Danielle; FERRIS, Shawna. Knowledge Organization as Knowledge Creation: surfacing community participation in archival arrangement and description.

Knowledge Organization, v. 46, n. 7, p. 502-521, 2019. Disponível em: https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko_46_2019_7_b.pdf. Acesso em: 10 maio. 2021.

BALAJI, B. Preedip; DHANAMJAYA, Madiraju. Towards a Model of Urban Studies Classification. **Knowledge Organization**, v. 47, n. 7. p. 574-581, 2020. Disponível em: https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko_47_2020_7_d.pdf. Acesso em: 10 maio. 2021.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00015.pdf>. Acesso em: 02 maio. 2021.

BROUGHTON, Vanda. LOMAS, Elizabeth. Philosophical Foundations for the Organization of Religious Knowledge: irreconcilable diversity or a unity of purpose? **Knowledge Organization**, v. 47, n. 5, p. 372-392, 2020. Disponível em: https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko_47_2020_5_b.pdf. Acesso em: 10 maio. 2021.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não ser como fundamento do ser**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; MENDIETA, Eduardo. (eds.) **Teorías sin disciplina**. Latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debate, México, University of San Francisco/Porrúa, 1998.

CHALMERS, Alan F. **O que é a ciência afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**. Ano 10, v. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. 244 p.

DOVE, Nah. Mulherisma Africana: uma teoria afrocêntrica. **Jornal de Estudos Negros**, v. 28, n. 5, p. 515-539, 1998.

DUTRA, Luiz Henrique de Araujo. **Introdução à epistemologia**. São Paulo, Editora UNESP, 2010.

FRANCELIN, Marivalde Moacir. Epistemologia da Ciência da Informação: evolução da pesquisa e suas bases referenciais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 23, n.3, p. 89-103, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/95364>. Acesso: 24 dez. 2020.

ESPINOSA MIÑOSO, Yurdekis. **Sobre por que é necessário um feminismo decolonial:** diferenciação, dominação coconstitutiva da modernidade ocidental. *MASP Afterall*, 2020.

FREIRE, Isa Maria. Um olhar sobre a produção científica brasileira na temática epistemologia da ciência da informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/119330>. Acesso em: 10 maio. 2020.

FURNER, Jonathan. Dewey Deracialized: A critical race-theoretic perspective. **Knowledge Organization**, v. 34, n. 3, p. 144-168, 2007. Disponível em: https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0943-7444-2007-3-144.pdf?download_full_pdf=1. Acesso em: 10 set. 2021.

GARCÍA GUTIÉRREZ, Antonio Luis. Declassification in knowledge organization: a post-epistemological essay. **TransInformação**, v. 23, n. 1, p. 5-14, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/89vfV6PdSjGkRMrr56GqvJ/?lang=en>. Acesso em: 12 maio. 2020.

GARCIA GUTIÉRREZ, Antonio Luis. **A ojos de arena:** ejercicios de desclasificación. Madrid: ACCI, 2020.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, 2001. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/433/243>. Acesso em: 22 mar. 2021.

GONZALEZ, Lélia. "A categoria político-cultural de amefricanidade". **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

GONZALEZ, Lélia. "Por um feminismo afrolatinoamericano". **Revista Isis Internacional**, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988b.

GUIMARÃES, Jose Augusto Chaves. Análise de domínio como perspectiva metodológica em organização da informação. **Ciência da Informação**, v. 43, n. 1, 2015. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1415>. Acesso em: 23 fev. 2022.

HALL, Stuart. **Da Diáspora:** Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2 ed. 480 p. 2013.

ISKO. **Knowledge Organization Journal**. 2021. Disponível em: <https://www.isko.org/ko.html>. Acesso em: 02 abr. 2021.

JAPIASSU, Hilton. F. **Introdução ao pensamento epistemológico**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1992, 7 ed. 202p.

KARPINSKI, Cezar. Epistemologia e ciência da informação: fundamentos teóricos e produção bibliográfica nacional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XIX, 2018, Marília. **Anais [...]** Marília: UNESP, 2018. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/101967>. Acesso em: 22 mar. 2020.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. *In*: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, set. 2005. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf. Acesso em: 12 maio. 2021.

LITTLETREE, Sandra; BELARDE-LEWIS, Miranda; DUARTE, Marisa. Centering Relationality: a conceptual model to advance indigenous Knowledge Organization practices. *Knowledge Organization*, v. 47, n. 5, p. 410-426, 2020. Disponível em: https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko_47_2020_5_e.pdf. Acesso em: 10 maio. 2021.

MENEZES, Vinícios Souza de. Citação, uma guerrilheira cultural nas encruzilhadas do amanhã. *Em Questão*, v. 25, p. 288-312, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/92450>. Acesso em: 21 maio. 2022.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti de. A Organização do Conhecimento e a filosofia do pluralismo religioso no contexto das religiões de matrizes africanas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XX, 2019, Florianópolis. *Anais* [...] Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/1374>. Acesso em: 22 maio 2021.

MOSTAFA, Solange Puntel. Epistemologia ou filosofia da ciência da informação? *Informação & Sociedade: estudos*, v. 20, n. 3, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92970>. Acesso em: 10 mar. 2021.

MOURA, Maria Aparecida. Organização social do conhecimento e performatividade de gênero: dispositivos, regimes de saber e relações de poder. *Liinc Em Revista*, v. 14 n. 2. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/4472>. Acesso em: 10 maio 2021.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. 2 ed. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2002.

OCHOA MUÑOZ, Karina. Una apuesta posible: mujeres, lucha por la autonomía y perspectiva descolonial en el Abya Yala. *In*: LÓPEZ Nájera, Verónica Renata. (coord.) **De lo poscolonial a la descolonización**: genealogías latinoamericanas. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018. 218 p.

OLSON, Hope A. Sameness and difference: a cultural foundation of classification. *Library Resources & Technical Services*, v. 45, n. 3, 2001. Disponível em: <https://journals.ala.org/index.php/lrts/article/view/4913/5938>. Acesso em: 02 abr. 2021.

OLSON, Hope A.; FOX, Melodie J. Gayatri Chakravorty Spivak: deconstructionist, Marxist, Feminist, Postcolonialist. *In*: LECKIE, Gloria J.; GIVEN, Lisa M.; BUSCHMAN, John E. (ed.). **Critical Theory for Library and Information Science**: exploring the social from across the disciplines. Westport, Conn.: Libraries Unlimited, 2010. 349 p.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. **African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms**. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.

PORTER, Dorothy B. Interview. *In*: SCARUPA, Harriet Jackson. The Energy-Charged Life of Dorothy Porter Wesley. **New Directions**, v. 17, n. 1, p. 1-12, 1990. Disponível em: <http://dh.howard.edu/newdirections/vol17/iss1/3>. Acesso em: 13 dez. 2020.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia**: pertencimento, corpo-dança afroancestral e tradição oral africana na formação de professoras e professores. Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei n 2 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015. 261 p.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires: 2005. Disponível: http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 02 maio. 2021.

RABELLO, Rodrigo. A Ciência da Informação como objeto: epistemologias como lugares de encontro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 17, n. 1, p. 2-36, jan./mar. 2012. Disponível em: encurtador.com.br/cuGY7. Acesso em: 22 maio 2021.

RENDÓN ROJAS, Miguel Ángel. Ciencia bibliotecológica y de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas. Epistemología, metodología e interdisciplina. **Investigación bibliotecológica**, Ciudad de México, v. 22, n. 44, p. 65-76, abr. 2008. Disponível em: <http://rev-ib.unam.mx/ib/index.php/ib/article/view/4141>. Acesso em: 22 maio. 2021.

ROBINSON, Cedric J. **Black marxism**: the making of the Black radical tradition. London: Zed Press, 1983.

SALDANHA, Gustavo Silva; SILVA, Franciele Carneiro Garcez da; LIMA, Graziela dos Santos; GARCEZ, Dirnele Carneiro; ROMEIRO, Nathália Lima. Quem matou marielle? organização do conhecimento e os caminhos do tesouro do mal. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XX, 2019, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/102324>. Acesso em: 22 maio. 2021.

SILVA, Márcio Ferreira da. **A questão da representação das religiões de matriz africana na CDD**: uma análise crítica da umbanda. 2018. 220 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/154433/silva_mf_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 21 maio. 2021.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy. Atuação do bibliotecário em uma internacionalização da educação superior com enfoque solidário e sustentável. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE

PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XX, 2019, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/viewFile/503/540>. Acesso em: 22 maio. 2021.

TABOSA, Hamilton Rodrigues; TAVARES, Derek Warwick da Silva; NUNES, Jefferson Veras. História e epistemologia da Ciência da Informação: Abordagem social em foco. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, v. 39, n. 3, p. 289-300, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/97320>. Acesso em: 22 abr. 2021.

THARANI, Karim. Just KOS! enriching digital collections with hypertexts to enhance accessibility of nonwestern knowledge materials in libraries. **Knowledge Organization**, v. 47, n. 3, p. 220-230, 2020. Disponível em: https://www.ergon-verlag.de/isko_ko/downloads/ko_47_2020_3_b.pdf. Acesso em: 10 maio. 2021.

ZANDONADE, Tarcisio. Epistemologia da ciência da informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 23-24, n. 3, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/71684>. Acesso em: 03 mar. 2021.

ZAMUDIO, Rebeca Mariana Gaytán. Violencia epistémica y creación de subjetividades coloniales. *In*: LÓPEZ NÁJERA, Verónica Renata. (coord.). **De lo poscolonial a la descolonización**: Genealogías latinoamericanas. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 2018. 218 p.

AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)
- Código de Financiamento 001, pelo financiamento desta pesquisa.